

Solidariedade com os trabalhadores portuários genoveses da CALP, membros e delegados da USB, afetados pela repressão do Estado

O Ministério Público de Génova lançou investigações, com buscas nas casas e cacifos nos vestiários no porto, resultando em apreensões de telefones, tablets e computadores de quatro trabalhadores das docas, membros da CALP e delegados da USB, sob uma acusação de "associação criminosa" destinada a crimes que incluem resistência, acender bombas de fumo, atirar objetos perigosos, e atacar a segurança dos transportes públicos.

As bombas de fumo utilizadas durante a greve antimilitarista de 20 de Maio de 2019, para impedir o carregamento de equipamento militar para dentro dum navio saudita, foram descritas pelos procuradores como "dispositivos modificados para serem letais". Aqui são as bombas de fumo que são letais, não as bombas para a guerra!

Uma investigação com acusações que poderiam ser caracterizadas como grotescas, se não implicasse consequências graves para os trabalhadores e o sindicalismo.

O que aconteceu em Génova deveria ser enquadrado num contexto mais nacional, que inclui o Estado e os sindicatos colaboracionistas, e assim afeta todos os obreiros.

A 10 de Março, em Piacenza, as casas de 20 trabalhadores da SI Cobas foram revistadas e 2 líderes sindicais locais foram colocados em prisão domiciliária, na sequência dos confrontos que resultaram na destruição bárbara de uma linha de piquete de 60 trabalhadores sentados no chão em frente ao portão da Fedex TNT na noite de 1 de Fevereiro, o 13º dia da greve.

Além disso, os ataques da polícia queriam destruir a linha de piquete dos trabalhadores da Texprint em Prato, em greve durante 60 dias, para reivindicar a redução do dia de trabalho atual de 12 horas e para a aplicação do contrato de trabalho!

Há alguns dias atrás, o Coordenador Provincial da SI Cobas de Bolonha foi condenado a 9 meses de prisão por ter-se confrontado com a polícia durante a expulsão d'um piquete realizado em 2014 no Mirror Levigature em Sant'Agostino, Ferrara.

A repressão do Estado contra os trabalhadores em luta organizada com sindicatos de classe é contrastada com dois elementos.

O primeiro deste elementos: a nova Primavera do acordo, de uma forma ainda mais vergonhosa e corporativa do que no passado, com as lideranças da CGIL, CISL e UIL, que apoiam o governo de Draghi abertamente, dispostos a assinar um acordo programático para a "reforma" da Administração Pública com o Ministro Brunetta.

O governo, habilmente, continua a parar os despedimentos pelos chefes, oferecendo assim às lideranças destes sindicatos colaboracionistas a justificação para prosseguir com as suas manobras destinadas a manter o controlo sobre os trabalhadores, dificultando as lutas deles.

O segundo elemento: um regresso parcial do ativismo dos sindicatos colaboracionistas, como por exemplo com a greve da Amazónia na segunda-feira, 22 de Março, dos Transportes Públicos Locais a 26 de Março, da Logística a 29 de Março. Greves para as quais a média oficial se faz de amplificador de som, enquanto não se ouve um pio sobre as lutas promovidas pelos sindicatos militantes: o silêncio sobre os acontecimentos graves de Piacenza a 10 de Março e a manifestação contra a repressão dos trabalhadores a 13 de Março, nessa mesma cidade, na presença de mil trabalhadores.

Estas greves são confinadas pelas lideranças dos sindicatos colaboracionistas dentro de limites que as enfraquecem ao ponto de as fazer o mais inofensivas possível para os patrões, porque o verdadeiro objetivo delas é garantir que estes sindicatos se coloquem na mesa de negociações não como resultado da organização de lutas a sério, para objetivos que defendem os trabalhadores, mas sim oferecendo aos patrões a capacidade de manter a paz social.

Este jogo do poder judicial, dos sindicatos e do governo parece fazer parte de uma estratégia para aprofundar a ofensiva contra o sindicalismo, sabendo que a frente patronal tem de proceder o mais rapidamente possível, com mais e mais ataques às condições de vida e de trabalho dos assalariados.

Face a uma tal ofensiva, o sindicalismo militante deve aderir a duas linhas fundamentais de conduta:

- Não reagir de forma desunida, com divisões que só seriam benéficas para os objetivos dos patrões, do governo e dos sindicatos colaboracionistas, de isolar os militantes sindicais e os seus sindicatos para longe das massas trabalhadoras. A fim de evitar que este objetivo dos patrões seja cumprido, consideramos essencial inverter a conduta tradicional da liderança dos sindicatos de base de boicotar as greves promovidas pelos sindicatos colaboracionistas. É também necessário participar nas greves, incorporando as exigências e métodos de luta do sindicalismo de classe, na convicção de que uma condição favorável para que as mobilizações sejam libertadas do controlo dos sindicatos colaboracionistas que as proclamam é a de greves bem sucedidas, que inspirem confiança nos trabalhadores, um sentimento de verdadeira força; neste sentido, consideramos muito positiva a escolha de alguns sindicatos de base para apoiar a greve na cadeia de abastecimento da Amazónia na passada segunda-feira.

- Respondendo à repressão do Estado e dos patrões, unindo em cada ação o conjunto do sindicalismo militante, os sindicatos de base e a oposição de classe na CGIL; os sindicatos de base, tais como SI Cobas e USB, que no sector da logística se envolveram em polémica prejudiciais, estão agora ambas a ser atormentadas pela repressão. Que esta experiência ensina e impulsiona. se ainda não os líderes, então pelo menos os ativistas, delegados e membros para a unidade de ação do sindicalismo militante.

Solidariedade com os trabalhadores portuários genoveses

Ao lado dos estivadores da CALP, delegados e membros do USB!

Juntos com os trabalhadores e sindicalistas da SI Cobas!

Juntos com os trabalhadores da Texprint Prato! Ao lado de cada trabalhador afetado pela repressão do Estado e dos empregadores!

Pela unidade na luta de homens e mulheres trabalhadoras!

Coordenação dos Trabalhadores Autônomos para a Unidade de Classe (C.L.A.)

25/3/21

coordautoconvocat2019@gmail.com